



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



## A REPRESENTAÇÃO DO FEMINICÍDIO NOS VEÍCULOS DIGITAIS

### CORREIO BRAZILIENSE E METRÓPOLES

Carlos Augusto Queiroz da Silva<sup>1</sup>; [Augustocarlos740@gmail.com](mailto:Augustocarlos740@gmail.com)

Ana Carolina Kalume Maranhão<sup>2</sup>; [ckalume@gmail.com](mailto:ckalume@gmail.com)

Paulo Henrique Soares de Almeida<sup>3</sup>; [pauloalmmeida@gmail.com](mailto:pauloalmmeida@gmail.com)

### RESUMO

O artigo analisa como os perpetradores de feminicídio são representados em matérias jornalísticas publicadas pelos veículos digitais Correio Braziliense e Metrôpoles. Utilizou-se a metodologia da semana construída para selecionar uma amostra representativa da rotina de produção jornalística, e aplicou-se a análise qualitativa de conteúdo para identificar padrões, estratégias discursivas e enquadramentos narrativos relacionados aos agressores. Os resultados revelam que os meios de comunicação, ao humanizarem, justificarem ou despersonalizarem os perpetradores, podem, por um lado, contribuir para a reprodução de normas patriarcais e, por outro, assumir uma postura crítica no enfrentamento da violência de gênero.

### PALAVRAS-CHAVE

Feminicídio. Jornalismo. Representação Midiática. Violência de gênero.

#### 1. INTRODUÇÃO

O feminicídio, definido como o assassinato de mulheres em razão de seu gênero, constitui uma das formas mais extremas e visíveis da violência contra a mulher. Sua ocorrência não apenas evidencia falhas nas políticas de proteção, mas também revela um tecido social sustentado por desigualdades históricas, culturais e estruturais.

No Brasil, apesar dos avanços legislativos, como a promulgação da Lei nº 13.104/2015, que incluiu o feminicídio como circunstância qualificadora do homicídio

<sup>1</sup> Carlos Augusto Queiroz da Silva é graduado em Jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB).

<sup>2</sup> Ana Carolina Kalume Maranhão é Doutora e Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora associada da Faculdade de Comunicação (FAC/UnB), e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Design (PPG-Design/UnB). Realizou pós-doutoramento em Comunicação, junto à Universidad de la República – UY.

<sup>3</sup> Paulo Henrique Soares de Almeida é Doutor e Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Design da UnB e professor substituto na Faculdade de Comunicação da UnB (FAC/UnB).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



no Código Penal Brasileiro, a persistência e a banalização desses crimes demonstram a urgência de uma reflexão crítica sobre sua cobertura midiática e os sentidos atribuídos a seus autores.

Neste contexto, este artigo tem como objetivo analisar de que forma os autores de feminicídio são representados pela mídia digital no Distrito Federal, tomando como objeto de estudo matérias publicadas nos veículos de notícias Correio Braziliense e Metrôpoles. Por meio da Análise de Conteúdo, o artigo pretende contribuir para o campo da Comunicação e dos Estudos de Gênero ao oferecer uma reflexão crítica sobre o papel da mídia na produção de sentidos sobre a violência contra a mulher e, em especial, sobre os modos de representar aqueles que a perpetram.

## 2. FEMINICÍDIO E O PATRIARCADO

Para tratar de feminicídio, é preciso antes situá-lo conceitualmente. A primeira versão do termo surgiu no século XIX, quando o escritor John Corry utilizou o termo *femicide* para descrever o ato de afastar uma mulher de um caminho tido como virtuoso à época. Na obra, o autor descreve o caso de uma mulher que, meses após receber uma proposta amorosa de um lorde, foge com um homem casado. Corry (1801) culpa o homem pelo comportamento da moça e o descreve como um “assassino implacável” por tê-la feito “vítima de sedução”.

A palavra somente se aproximou da perspectiva atual na década de 1970, quando o termo “feminicídio” foi usado publicamente pela escritora e socióloga sul-africana Diana Russell, no livro *Crimes Against Women: Proceedings of the International Tribunal*.

Agressão a mulheres, ou “espancamento de mulheres”, como agora é comumente chamado, tanto dentro do casamento e fora disso, tem muito em comum com o estupro. O medo dos homens que estupram e espancam incutir nas mulheres tem consequências políticas semelhantes. Ambos são frequentemente acompanhados por um medo agonizante da morte, e ambos



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



às vezes resultam em homicídio de mulher – ou feminicídio (Russell, 1976, p. 92 - tradução nossa)<sup>4</sup>

Em seu núcleo duro, a definição é consonante à etimologia do termo, que deriva de uma junção das palavras latinas *femina*, que significa "feminino", e *cide* do latim *caedere*, que significa "matar". A definição proposta por Russell fornece estreito laço com o entendimento atual sobre o feminicídio, pois trata como principal característica desse, as motivações sexistas. Tal ato também é baseado num sentimento de superioridade e posse sobre a mulher, aspecto que, posteriormente, se mostraria determinante para a abordagem jurídica do feminicídio.

Apesar das contribuições de Russell serem amplamente utilizadas por estudiosos do feminicídio, alguns autores propõem novas abordagens acerca do feminicídio. Campbell e Runyan (1998), por exemplo, referem-se ao feminicídio como “todos os assassinatos de mulheres, independentemente do motivo ou status do autor”. Ellis e DeKeseredy (1996), no entanto, acolhem a definição usada por pesquisadoras da revista feminista *Manushi* para definir feminicídio. Para os autores, esse crime é designado como o assassinado intencional de mulheres por homens ou de mulheres por outras mulheres a interesse de homens, sendo determinante o caráter intencional da ação.

Por fim, para Lagarde (2007), o feminicídio além de abarcar aspectos já estabelecidos por Russell, é definido pela conveniência e impunidade do estado para com seus perpetradores. Isso ocorre, pois o estado seria a autoridade responsável não só por dar segurança às mulheres, enquanto humanas e membros da sociedade que

<sup>4</sup> Texto original: Assault of women, or “woman battering” as it is now commonly called, both within marriage and outside of it, has much in common with rape. The fear of men that both rape and battering instill in women has similar political consequences. Both are often accompanied by an agonizing fear of death, and both sometimes result in womans laughter or femicide.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



compõem o Estado, mas também por fornecer acesso a mecanismos de justiça a fim de reparar danos e prejuízos sofridos por conta de violências misóginas.

Portanto, ao estudarmos a representação do feminicídio, precisamos entender a perspectiva sociológica do patriarcado. A compreensão contemporânea do patriarcado afastou-se das explicações biológicas e teológicas, passando a entendê-lo como uma construção social historicamente produzida e transmitida entre gerações. Nessa perspectiva, o patriarcado se sustenta por meio de papéis de gênero institucionalizados e reforçados pela família, pelos meios de comunicação e pelas estruturas estatais (Henslin, 2007). O declínio da legitimação divina da autoridade masculina, intensificado a partir do Iluminismo e da Revolução Científica (Conrad, 2012), contribuiu para deslocar o debate para o campo social e estrutural.

Com o avanço tecnológico e a diminuição da centralidade da força física nas atividades produtivas, as bases do patriarcado tornaram-se predominantemente simbólicas e institucionais. Ainda que assumam configurações distintas conforme o contexto cultural, Sylvia Walby (1989) identifica seis núcleos estruturantes do patriarcado: o modo de produção patriarcal, as relações patriarcais de trabalho, o Estado patriarcal, a cultura patriarcal, a violência masculina e as relações patriarcais na sexualidade.

A violência de gênero, portanto, não se apresenta como fenômeno isolado, mas como expressão de uma estrutura que a legitima e, muitas vezes, a naturaliza. Conforme a noção de doxa em Bourdieu (2002), a internalização simbólica dessas hierarquias contribui para que relações de dominação sejam percebidas como naturais ou inevitáveis. Nesse contexto, o feminicídio não pode ser interpretado apenas como ato individual, mas como manifestação extrema de um sistema patriarcal que opera de forma histórica, cultural e institucional. Assim, ao analisar a representação midiática do feminicídio, torna-se fundamental considerar as estruturas sociológicas que



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



moldam tanto a ocorrência da violência quanto os discursos que a interpretam e a divulgam.

### 3. O FEMINICÍDIO NO BRASIL

O reconhecimento do feminicídio como problema estrutural no Brasil é resultado de décadas de mobilização feminista e pressão internacional. Um dos casos mais emblemáticos da história da violência contra a mulher no país foi o assassinato de Ângela Diniz, em 1976, pelo então companheiro Doca Street. No primeiro julgamento, a defesa utilizou o argumento da “legítima defesa da honra”, estratégia comum à época para justificar crimes cometidos por homens contra suas parceiras. A condenação inicial branda gerou forte mobilização social, especialmente do movimento feminista, que denunciou a naturalização da violência e a culpabilização da vítima. O caso tornou-se marco simbólico na crítica à tolerância institucional da violência contra a mulher.

No plano internacional, um avanço importante ocorreu com a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (1994), da qual o Brasil é signatário. No âmbito interno, a primeira legislação específica foi a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), criada após a condenação do Estado brasileiro pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos, em razão da omissão no caso de Maria da Penha Maia Fernandes, vítima de tentativa de feminicídio e violência doméstica por décadas.

A tipificação específica do feminicídio ocorreu apenas em 2015, com a Lei nº 13.104/2015, que incluiu o feminicídio como qualificadora do homicídio no Código Penal, quando o crime é praticado contra a mulher por razões da condição de sexo feminino, especialmente em contextos de violência doméstica ou discriminação. A lei também prevê aumento de pena em situações específicas, como durante a gestação ou na presença de familiares. Apesar de considerada um avanço jurídico, a Lei do Feminicídio é alvo de críticas. Entre elas, destaca-se o uso da expressão “condição de



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



sexo feminino”, que, para parte da doutrina, limita a proteção ao não empregar o termo “gênero”, gerando debates sobre a inclusão de mulheres trans. Também há questionamentos quanto ao aumento de pena e ao risco de reforço de uma lógica paternalista que estigmatiza mulheres como vítimas frágeis, em vez de enfrentar estruturalmente as raízes da violência.

Assim, a trajetória legislativa do feminicídio no Brasil revela avanços significativos, mas também tensões jurídicas e sociais que refletem disputas mais amplas sobre gênero, poder e reconhecimento. Mais do que um debate abstrato, essas disputas ganham concretude na aplicação da lei em contextos locais específicos, onde a tipificação penal passa a operar na prática e a produzir efeitos simbólicos e institucionais.

No Distrito Federal, por exemplo, a identificação do primeiro caso de feminicídio evidencia os desafios de transição entre a realidade social e o reconhecimento jurídico do crime. O primeiro caso oficialmente enquadrado como feminicídio no DF ocorreu em 15 de maio de 2015, quando Alessandra Lacerda, de 30 anos, foi assassinada a tiros pelo companheiro, o policial militar José Luiz de Carvalho Neto, após decidir encerrar o relacionamento. Julgado ainda naquele ano, o réu foi condenado a 22 anos de prisão, após o Tribunal do Júri reconhecer a motivação de gênero e o histórico de violência e controle exercido sobre a vítima.

Com a implementação da Lei do Feminicídio, outros homicídios passaram a ser enquadrados nessa tipificação. Em 2015, o DF registrou 11 casos, com maior incidência em regiões como Ceilândia, Estrutural e Brazlândia. A maioria das vítimas era jovem, mãe, e foi assassinada dentro da própria residência. Os crimes ocorreram predominantemente no período noturno, especialmente aos domingos, sendo a arma branca o meio mais utilizado. O perfil dos autores concentrava-se em homens entre 40 e 44 anos, muitos com antecedentes criminais.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Nos anos seguintes, os números cresceram significativamente. Em 2023, o DF atingiu o pico da série histórica, com 35 casos de feminicídio. Assim como em 2015, a maioria dos crimes ocorreu dentro de casa, no período noturno, e teve como principal motivação o ciúme. A arma branca permaneceu como o meio mais empregado. O perfil das vítimas manteve-se semelhante, majoritariamente mães e mulheres jovens, sendo que grande parte já havia sofrido violência anteriormente. Já o perfil dos autores apresentou mudança etária, concentrando-se nas faixas de 25 a 29 anos e 35 a 39 anos, mantendo alto índice de antecedentes criminais.

Os dados revelam não apenas o crescimento quantitativo dos casos, mas também a permanência de padrões estruturais, reforçando a urgência de políticas públicas eficazes de prevenção e enfrentamento da violência de gênero no Distrito Federal.

## 4. A REPRESENTAÇÃO DO FEMINICÍDIO NO CORREIO BRAZILIENSE E METRÓPOLES

### 4.1 Caminho metodológico

A presente investigação ancora-se nos pressupostos da Análise de Conteúdo sistematizada por Bardin (2011), compreendida como um instrumental analítico rigoroso para a investigação sistemática de materiais discursivos. Tal método revela-se estratégico para desvelar as representações midiáticas do autor de feminicídio, permitindo a identificação de padrões explícitos e, fundamentalmente, de nuances implícitas que ratificam ou naturalizam a violência de gênero. Conforme validado por Prado et al. (2021), a eficácia desta metodologia reside em sua capacidade de desconstruir discursos que estigmatizam grupos vulneráveis, evidenciando como agressores são, por vezes, caracterizados como "homens comuns" enquanto as vítimas são reduzidas a estatísticas.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



O rigor heurístico do percurso analítico é estruturado em três etapas cardinais: 1) *Pré-análise*: fase de organização e constituição do *corpus* sob critérios de exaustividade e representatividade. É neste estágio que se processa a leitura flutuante do material, servindo de ponte para a formulação de hipóteses e a subsequente organização de índices categóricos. 2) *Exploração do material*: etapa de codificação e decomposição, na qual os dados são organizados em categorias mutuamente exclusivas, permitindo o mapeamento de estratégias discursivas, desde escolhas lexicais criminalizantes até a humanização indevida do agressor. 3) *Tratamento dos resultados*: fase de inferência e interpretação, na qual as recorrências são lidas à luz do contexto estrutural do patriarcado, buscando decifrar como os enquadramentos midiáticos reforçam ou contestam a cultura da violência.

A fim de neutralizar vieses sazonais e assegurar a representatividade temporal da cobertura jornalística, aplicou-se a técnica da "semana construída" (Krippendorff, 1990). Este procedimento consiste na seleção estratégica de dias não consecutivos ao longo de um período extenso, garantindo que a amostra capture as oscilações na atenção midiática sem a influência de eventos excepcionais.

Hester e Dougall (2007) validam a superioridade deste método em ambientes on-line para medir conteúdos com grande variação diária. Seguindo a recomendação dos autores de ampliar o número de semanas para portais de notícias (entre duas e cinco semanas por unidade temporal de análise), este estudo abrangeu 74 semanas construídas ao longo dos anos de 2023 e 2024. Tal volume amostral confere robustez estatística e garante que as categorias observadas reflitam, com margem de erro mínima, o universo discursivo dos veículos Metrôpoles e Correio Braziliense.

A coleta dos dados foi efetuada via mecanismo de busca Google, utilizando operadores booleanos específicos e descritores como "feminicídio" e "Distrito Federal". A constituição do *corpus* obedeceu a filtros rigorosos de seleção:



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



- *Filtro Temático*: seleção estrita de crimes formalmente enquadrados na Lei nº 13.104/2015, exigindo a explicitação do motivo de gênero como elemento central da narrativa.
- *Filtro de Profundidade*: foram excluídas notas breves ou reproduções superficiais de boletins policiais, privilegiando matérias com densidade narrativa, contextualização social e perfis detalhados.
- *Filtro de Confiabilidade*: exigência de matérias assinadas por jornalistas identificados, fundamentadas em múltiplas fontes oficiais e portadoras de links verificáveis.

O processo resultou em um corpus final de 83 reportagens, sendo 41 do Metrôpoles e 42 do Correio Braziliense. Abaixo (Tabelas 1 e 2), apresentam-se as listagens das matérias que compuseram o estudo. Ressalte-se que os títulos e a organização autoral já permitem entrever tendências de deslocamento do foco da vítima para o autor, bem como a sedimentação de enquadramentos que suavizam responsabilidades.

A escolha dos veículos Correio Braziliense e Metrôpoles fundamentou-se na relevância regional e na expressiva cobertura de casos de feminicídio no Distrito Federal. A partir de categorias previamente definidas, como perfil socioeconômico; relação entre autor e vítima; justificativas atribuídas ao crime; antecedentes de violência; e repercussões legais. Com essas categorias da análise de conteúdo, buscou-se identificar padrões narrativos, omissões e enquadramentos que influenciam a percepção pública sobre esse crime.

A proposta não se limita a mapear a presença de determinados elementos nos textos jornalísticos, mas também a refletir sobre as implicações éticas, sociais e políticas das escolhas editoriais. Com base em referenciais teóricos da comunicação e dos estudos de gênero, examinou-se de que maneira a mídia contribui para a compreensão ou distorção do feminicídio enquanto fenômeno estrutural,



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



evidenciando o papel do jornalismo na construção simbólica da violência de gênero e no fortalecimento ou enfraquecimento do debate público em torno do tema.

**Tabela 1:** Matérias analisadas no Metrôpoles, de julho a novembro de 2023.

Autor(es)	Título
Felipe Torres	Reviravolta: PCDF investiga morte de mulher por engasgo como feminicídio
Mirelle Pinheiro; Carlos Carone	Vítima do 20º feminicídio do DF foi assassinada em frente ao filho
Felipe Torres; Thalita Vasconcelos	De engasgo a feminicídio: saiba quem é o homem indiciado por matar namorada no DF
Jonatas Martins	Feminicídio: homem que matou enfermeira na frente dos filhos vira réu
Nathália Cardim	Acusado de estrangular esposa no DF é condenado a 18 anos de prisão
Jonatas Martins	Depoimento: feminicida confessa crime e explica como matou enfermeira no DF
Yasmim Valois	“Poderia ter sido eu”, diz ex-namorada de suspeito de matar mulher e simular engasgo
Jade Abreu	“A gente não consegue acreditar”, diz irmã de 24ª vítima de feminicídio no DF
Jade Abreu	Veja quem são as vítimas de feminicídio no DF em 2023
Francisco Dutra	DF: vítima de feminicídio na Estrutural será enterrada neste sábado
Carlos Carone; Mirelle Pinheiro	Feminicídio: veja quem é o suspeito de matar policial da Deam a facadas
Isadora Teixeira	Sinpol-DF sobre policial vítima de feminicídio: “Vida dedicada à proteção das mulheres”
Jéssica Ribeiro	Autor de feminicídio ameaçava vítima em áudios: "Vou arrancar sua cabeça". Ouça



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Thalita Vasconcelos	Feminicídio: acusado de matar psicóloga no DF é ouvido; sentença deve sair nesta 3ª
Mirelle Pinheiro; Carlos Carone	Ex que matou policial da Deam foi encontrado após oferecer R\$ 3 mil a motorista de app
Thalita Vasconcelos	Feminicídio: assassino que matou ex-mulher com chave de fenda vira réu
Paulo Toledo Piza; Mirelle Pinheiro; Carlos Carone	Homem mata mulher, ataca PMs com faca e morre baleado no DF
Carlos Carone; Mirelle Pinheiro	Vídeo: policial da Delegacia da Mulher é morta a facadas pelo ex-companheiro no DF
Mirelle Pinheiro; Carlos Carone	Ex que matou mulher com foice tinha cinco passagens na polícia
Thalita Vasconcelos	Feminicida agrediu ex-companheira quando ela estava grávida de 2 meses
Mirelle Pinheiro; Carlos Carone	"Me prende, acabei de matar minha mulher", disse feminicida ao se entregar em delegacia
Paulo Toledo Piza	Homem mata mulher com golpes de foice na cabeça no DF
Jéssica Ribeiro	Imagens chocantes mostram momento em que mulher é atacada e morta por ex. Veja
Felipe Torres	Morta a golpes de chave de fenda tinha medidas protetivas contra o ex
Felipe Torres; Carlos Carone; Mirelle Pinheiro	"Possessivo, narcisista e egoísta", diz filho de policial morta sobre assassino
Carlos Carone; Mirelle Pinheiro	PCDF investiga morte de servidora da Defensoria Pública em apartamento
Jonatas Martins; Thalita Vasconcelos	"Não faz isso comigo", gritou jovem antes de ser morta pelo namorado
Thalita Vasconcelos; Carlos Carone; Mirelle Pinheiro	Mulher é encontrada morta com ferimento a faca no pescoço no DF
Samara Schwingel	Caso Cinthia. Companheiro da servidora escreveu nas redes: "Matei ela"
Thalita Vasconcelos	Ausência de acusado de feminicídio no DF ameaça a realização de júri



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Mirelle Pinheiro; Carlos Carone	Moradora de rua morre após ser esfaqueada por homem na Torre de TV
Thalita Vasconcelos	Homem que estrangulou ex-mulher com corda no DF é condenado a 15 anos
Thalita Vasconcelos	Homem que matou ex com chave de fenda alega insanidade mental
Nathália Cardim	Jovem de 20 anos é morta pelo namorado com tiro no pescoço no DF
Nathália Cardim	Saiba quem são vítima e autor de feminicídio no Vale do Amanhecer
Rebeca Kemilly; Jéssica Ribeiro	Homem que espancou namorada até a morte ficará 25 anos preso
Mirelle Pinheiro; Carlos Carone	Homem tenta matar companheira a facadas no Distrito Federal
Samara Schwingel	Jovem que foi esfaqueada pelo namorado no DF morre no hospital
Samara Schwingel; Nathália Cardim	Homem que matou ex-mulher com tiro à queima-roupa é condenado no DF
Samara Schwingel	Homem que matou mulher com 43 facadas no DF é condenado a 23 anos
Samara Schwingel; Carlos Carone; Mirelle Pinheiro	Homem que matou namorada e fingiu ter sido acidente é encontrado morto

**Fonte:** tabela criada pelos autores.

**Tabela 2:** Matérias analisadas no Correio Braziliense, de julho a novembro de 2023.

Autor(es)	Título
Mariana Saraiva	Saiba quem é o autor do 20º feminicídio de 2023 no DF
Darcianne Diogo	Veja as provas que descartam morte de mulher por engasgo e reforçam assassinato
Pablo Giovanni; Mariana Saraiva	20º feminicídio no primeiro semestre: covardia matou mais uma mulher



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Pedro Marra; Pablo Giovanni	Marido de enfermeira vítima de feminicídio é preso pela Polícia Civil
João Carlos Silva*	Bruno Mares responderá como réu pela morte da esposa, na frente dos filhos
Júlia Eleutério	Preso por matar companheira no Gama era CAC; arma do crime era registrada
Darcianne Diogo	Costelas quebradas e lesões: laudo reforça morte de mulher por esganadura
Pablo Giovanni	Preso, assassino de enfermeira confessa crime à polícia; família pede justiça
Mariana Saraiva	Acusado de matar esposa enforcada é condenado a 18 anos de prisão
Mila Ferreira	Violência contra a mulher faz mais uma vítima no DF
Darcianne Diogo; Júlia Eleutério; Pablo Giovanni	Feminicídio: brutalidade e covardia tiram mais uma vida feminina no DF
Mila Ferreira	Feminicídio: Prisão de homem que matou ex é convertida em preventiva
Arthur de Souza	'Ex tinha intenção de matar', afirma cunhado de 25ª vítima de feminicídio
Pablo Giovanni	Assassino espancou vítima meses antes de cometer feminicídio em Ceilândia
Darcianne Diogo; Mila Ferreira	Feminicídio: policial é morta pelo ex-marido nesta sexta-feira (11/8)
Mila Ferreira	Vítima de feminicídio denunciou o autor três vezes por agressão
Darcianne Diogo; Júlia Eleutério; Pablo Giovanni	Feminicídio: mulher é morta em frente à escola do filho pelo ex-companheiro
Júlia Eleutério; Pablo Giovanni	Feminicídio: homem é preso após matar a ex-mulher em São Sebastião
Júlia Eleutério	Homem agride a mulher, impede socorro e vítima morre na Estrutural
Júlia Eleutério; Pablo Giovanni	Feminicídio: vítima foi esfaqueada pelo autor quando estava grávida



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Mila Ferreira	Autor de feminicídio segue preso após audiência de custódia
Correio Braziliense	Homem que matou ex em frente à escola do filho vira réu
Darcianne Diogo; Júlia Eleutério	Assassino de policial morre em troca de tiros com PMs
Darcianne Diogo	Policial morta deixa legado de luta em favor das mulheres
Aline Gouveia	Mulher é morta pelo companheiro com golpes de foice em Ceilândia
Laezia Bezerra	Feminicida da policial civil Valderia Peres continua foragido
Mila Ferreira	Marido que matou a mulher em 2021 é condenado a 25 anos de cadeia
Darcianne Diogo; Júlia Eleutério	Homem que matou ex foi preso três vezes por descumprir medida protetiva
Darcianne Diogo	Gritos, violência, omissão. Os detalhes do assassinato de Elaine Vieira
Laezia Bezerra	Mais uma mulher é alvo de feminicídio no DF
Correio Braziliense	Autor de feminicídio em Ceilândia é condenado a 15 anos de prisão
Correio Braziliense	Mulher morre 10 dias após ser esfaqueada pelo namorado no Gama
Darcianne Diogo	Mulher leva quatro facadas ao negar ir para casa de desconhecido
Darcianne Diogo; Júlia Eleutério	Feminicídio: mulher é assassinada pelo companheiro; ele está foragido
Leticia Mouhamad; Pablo Giovanni	Feminicídio: prisão de homem que matou companheira é convertida em preventiva
Pedro Marra	Mãe de suspeito de feminicídio diz que casal consumiu álcool
Mariana Saraiva	Foragido por feminicídio no Vale do Amanhecer se entrega à polícia
Correio Braziliense	Autor de feminicídio é condenado no Riacho Fundo 2
Ricardo Daehn	Morre jovem de 20 anos esfaqueada por companheiro em Planaltina



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Ricardo Daehn; Naum Giló	Feminicida deu mais de 10 facadas na mulher na frente do filho de 3 anos
Pablo Giovanni; Renato Souza; Pedro Marra	Familiares e amigos de 32ª vítima de feminicídio protestam pela paz
Darcianne Diogo	Ex que matou cirurgiã-dentista à queima-roupa é condenado a 28 anos de prisão

**Fonte:** tabela criada pelos autores.

### 4.3 Perfil socioeconômico dos autores dos crimes

A representação do perfil socioeconômico dos feminicidas nas matérias analisadas revela uma abordagem predominantemente factual, centrada nos desdobramentos criminais e judiciais. No Correio Braziliense, observa-se maior ênfase no registro do fato e nas etapas processuais, com menções pontuais e pouco aprofundadas sobre ocupação, escolaridade ou renda dos autores dos crimes. Já no Metrôpoles, embora também prevaleça a objetividade típica do jornalismo digital, há registros um pouco mais frequentes de informações relacionadas à profissão ou à situação econômica dos envolvidos.

Em muitos casos, a ocupação do autor é mencionada de forma protocolar, sem contextualização. No caso de Leandro Peres Ferreira, que assassinou a policial civil Valderia da Silva Barbosa, a matéria publicada no Metrôpoles<sup>5</sup> (11/8/23) destacou que ele era motoboy, enquanto o Correio Braziliense não apresentou essa informação. De acordo com o Metrôpoles, “Leandro trabalhava como motoboy e teria aberto uma empresa de transportes e mudanças com a companheira. A sede do negócio ficava no mesmo local onde a vítima morava” (Carone; Pinheiro, 2023). No entanto, a simples referência à profissão, sem articulação com o contexto do crime, limita-se a um dado descritivo, sem contribuir para a compreensão estrutural do fenômeno.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/na-mira/policial-da-delegacia-da-mulher-e-morta-a-facadas-pelo-marido-no-df>



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



A identificação adequada de fontes e personagens, incluindo profissão e posição social, é princípio ético fundamental do jornalismo. Como destaca Schmitz (2011), detalhar o status ou o vínculo institucional de uma fonte reforça a transparência e a credibilidade da informação. Contudo, quando tais dados são apresentados de forma vaga ou sem contextualização, corre-se o risco de fragilizar a qualidade informativa e comprometer a compreensão do leitor (Charaudeau, 2008).

De modo geral, tanto o Correio Braziliense quanto o Metrôpoles exploram de forma limitada os elementos socioeconômicos. A prioridade recai sobre o fato criminal imediato, o que contribui para uma representação do feminicídio centrada no evento isolado, e não nas estruturas sociais que o sustentam.

#### 4.4 Relação entre autor e vítima

A forma como a relação entre autor e vítima é retratada influencia diretamente a percepção social do feminicídio. Nas matérias analisadas, essa relação costuma ser mencionada (marido, namorado ou ex-companheiro), porém, muitas vezes sem aprofundamento sobre o histórico de violência, controle ou desigualdade que antecede o crime.

Exemplo no caso de Patrícia Pereira de Sousa, enfermeira do Hospital de Base assassinada pelo marido Bruno Gomes Mares, em 30/6/23, enfatiza-se a premeditação do crime. Tanto no Metrôpoles quanto no Correio Braziliense, o caso é representado como o “20º feminicídio no DF. As reportagens destacam padrões de controle e agressividade anteriores, como podemos observar no trecho da reportagem publicada no Metrôpoles em 1/7/23<sup>6</sup>: “familiares afirmam que o relacionamento do casal era marcado por brigas e episódios de violência. Apesar das separações, os dois seguiam tentando continuar juntos” (Vasconcelos, 2023).

<sup>6</sup>Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/vitima-do-20o-femicidio-no-df-era-enfermeira-do-hospital-de-base>



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Em nossa análise, percebe-se que há diferenças estruturais entre os veículos analisados. O Correio Braziliense, que atua também no formato impresso, tende a publicar conteúdos mais detalhados na versão física, enquanto o Metrôpoles, exclusivamente digital, privilegia textos mais curtos e objetivos. Como observa Barbosa (2002), o jornalismo de portal consolidou um modelo de *hard news*, com foco na instantaneidade e na atualização contínua.

Entretanto, a limitação estrutural do meio não elimina a responsabilidade editorial de contextualizar o ciclo da violência. O Instituto Maria da Penha descreve três fases recorrentes (tensão, agressão e arrependimento) cuja identificação é essencial para compreender a escalada que culmina no feminicídio. A ausência dessa contextualização reduz o crime a um episódio isolado, enfraquecendo sua dimensão educativa e preventiva.

#### 4.5 Justificativas atribuídas aos autores

As justificativas apresentadas nas 83 matérias analisadas concentram-se, majoritariamente, em ciúmes, possessividade, conflitos conjugais e descontrole emocional. Esse enquadramento, quando não problematizado, pode reforçar a ideia de crime passional e individualizar a violência.

No caso de Simone Sampaio de Melo, morta com golpes de faca pelo ex-companheiro João Alves Catarina Neto em 13/2/23, matéria publicada no Metrôpoles em 28/8/23<sup>7</sup>, destaca que o autor do crime não teria aceitado o término e insistia para reatarem o relacionamento. Não conseguindo convencê-la, o homem, que morava no Espírito Santo, veio ao Distrito Federal a pretexto de comprar o material escolar das filhas. Conforme Paz (2023), limitar-se a reproduzir justificativas como “ciúmes” ou “não aceitava o fim” não contribui para o debate público sobre as raízes da violência. A

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/homem-que-matou-ex-esposa-a-facadas-no-df-vai-a-juri-popular-nesta-3a>



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓMMENTO

APOIO



maioria dos feminicídios está relacionada à tentativa de controle sobre a autonomia feminina, trata-se de crimes de poder, não de emoção isolada.

Outro risco da abordagem superficial é a culpabilização indireta da vítima. Quando a motivação é associada a suposta traição ou comportamento da mulher, pode-se deslocar a responsabilidade do agressor. Cavaler, Souza e Beiras (2022) apontam que tais narrativas reforçam distorções que legitimam simbolicamente a violência. O Instituto Patrícia Galvão (2019) ressalta que a naturalização dessas justificativas contribui para banalizar o feminicídio, inclusive quando cometido em espaços públicos. Ao não contextualizar social e culturalmente essas motivações, o jornalismo reduz o fenômeno à dimensão criminal, ignorando suas raízes estruturais.

#### 4.6 Antecedentes de violência e repercussão legal

A presença de antecedentes de violência aparece em diversas matérias, mas nem sempre é explorada de forma analítica, como no caso de Deylilane Alves Santos (citado acima), assassinada com golpes de chave de fenda pelo ex-marido, Gedeon da Conceição, no dia 3/8/23, na porta da escola do filho do casal, de 10 anos. As reportagens dos dois veículos analisados mencionam que havia registro prévio de ameaças e medida protetiva contra o autor do crime, como no Correio Braziliense, publicada em 14/8/23:

O réu responderá por homicídio quadruplicamente qualificado: motivo torpe, uso de meio cruel, emprego de recurso que dificultou a defesa da vítima e feminicídio. Além disso, ao cometer o crime, Gedeon também descumpriu medida protetiva de urgência, o que pode aumentar a pena em caso de condenação, segundo o MPDFT. O autor vai responder ao processo preso. (Correio Braziliense, 2023).

#### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da representação de feminicidas em veículos jornalísticos do Distrito Federal revelou padrões significativos na forma como os meios de comunicação constroem narrativas sobre esse tipo de crime. Ao observar como os jornais Correio



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Braziliense e Metrôpoles noticiaram os casos analisados foi possível perceber a predominância de uma abordagem centrada nos fatos objetivos, como o local do crime, as circunstâncias imediatas e, em menor grau, a relação entre vítima e autor. Embora essas informações sejam essenciais, notou-se uma tendência a silenciar ou minimizar aspectos mais profundos que ajudariam a compreender o feminicídio como fenômeno social, estrutural e cíclico.

Os perfis dos agressores, por exemplo, são pouco explorados nos textos jornalísticos. Dados sobre escolaridade, profissão, histórico de violência anterior ou traços de comportamento controlador raramente são destacados, o que contribui para uma representação que isola o feminicida do contexto mais amplo de desigualdade de gênero e de reprodução de masculinidades violentas. Além disso, há recorrência de explicações que, mesmo sutis, individualizam o crime, sugerindo motivações passionais ou descontroles momentâneos, o que pode diluir a gravidade do crime e ocultar os fatores estruturais que o impulsionam.

Essa forma de noticiar o feminicídio pode ter implicações importantes, tanto na percepção pública, quanto na formulação de políticas públicas de prevenção. Quando o foco da cobertura se limita ao ato violento e à punição imediata, perde-se a oportunidade de aprofundar a discussão sobre os mecanismos sociais e culturais que sustentam a violência contra a mulher. A imprensa, nesse sentido, exerce papel fundamental não apenas como informadora, mas também como formadora de opinião e promotora de debates. Ao escolher como retratar os feminicidas e quais elementos destacar ou omitir, os veículos contribuem ativamente para o entendimento ou distorção desses crimes.

Para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar o escopo da análise para incluir jornais impressos, cujas práticas editoriais podem divergir significativamente das adotadas nas versões digitais. Além disso, avaliar como o feminicídio e seus autores são retratados em periódicos físicos de metrôpoles de porte semelhante ao de Brasília,



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



como Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre ou Salvador, pode trazer novas perspectivas sobre como fatores regionais, culturais e socioeconômicos influenciam as narrativas jornalísticas. Essa comparação intermunicipal pode enriquecer o debate e identificar possíveis boas práticas que valorizem a contextualização social e a responsabilização crítica dos agressores.

Outro ponto pertinente diz respeito à forma como as narrativas jornalísticas moldam o entendimento do público sobre justiça, punição e responsabilidade. Ao abordar os autores de feminicídio de forma genérica, sem aprofundar trajetórias ou motivações, a imprensa contribui para uma noção imediatista e punitivista da justiça, que pode ser insuficiente para enfrentar as raízes do problema. O jornalismo comprometido com os direitos humanos e com a equidade de gênero deve buscar não apenas informar, mas também provocar reflexões, dar visibilidade às redes de apoio às vítimas e pressionar o poder público por políticas eficazes de proteção.

É importante ressaltar que este estudo representa uma contribuição inicial dentro de um campo de estudo ainda em consolidação. O feminicídio, enquanto categoria jurídica recente e expressão de uma longa história de desigualdade, ainda demanda muitas investigações, especialmente no que diz respeito ao papel da mídia em sua representação.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Qual é o papel da imprensa? – Dossiê Feminicídio**. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/femicidio/capitulos/qual-o-papel-da-imprensa/#cuidados-com-revitimizacao-e-discriminacoes>. Acesso em: 23 abr. 2025.

ARAÚJO, Liliane; SANEMATSU, Marisa (coord.). **Imprensa e direitos das mulheres: papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual**. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Almedina Brasil, 2011.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

POMENTO

APOIO



BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CABAÑAS, Ana Carcedo; RODRÍGUEZ, Montserrat Sagot. Femicídio em Costa Rica: balance mortal. **Medicina Legal de Costa Rica**, Costa Rica, 2002. Disponível em: [https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1409-00152002000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=es](https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-00152002000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=es). Acesso em: 7 jul. 2025.

CAMPBELL, Jacquelyn; RUNYAN, Carol. Femicide: Guest editors' introduction. **Homicide Studies**, v. 2, n. 4, p. 347–352, 1998.

CAVALER, Camila Maffioletti; SOUZA, Daniel Cerdeira; BEIRAS, Adriano. Motivações para o crime de feminicídio: revisão integrativa da literatura. **Quaderns de Psicologia**, v. 24, n. 2, 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8815554>. Acesso em: 7 abr. 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

CONRAD, Sebastian. Enlightenment in global history: a historiographical critique. **The American Historical Review**, v. 117, 2012. Disponível em: <https://academic.oup.com/ahr/article/117/4/999/33183?login=false>. Acesso em: 7 jul. 2025.

CORRY, John. **A satirical view of London at the commencement of the nineteenth century**. Londres: [s.n.], 1801. Disponível em: <https://play.google.com/store/books/details?id=K50HAAAAQAAJ&pli=1>. Acesso em: 7 jul. 2025.

ELLIS, Desmond; DEKESEREDY, Walter Steven. Rethinking estrangement, interventions, and intimate femicide. **Violence Against Women**, v. 3, n. 6, p. 590–609, 1997.

HENSLIN, James M. **Essentials of sociology: a down-to-earth approach**. 11. ed. Boston: Pearson, 2007.

HESTER, Joe Bob; DOUGALL, Elizabeth. The efficiency of constructed week sampling for content analysis of online news. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 84, n. 4, p. 811–824, 2007. DOI: 10.1177/107769900708400410.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Relatório de monitoramento da cobertura de feminicídio e violência sexual**. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2019. Disponível em: [https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2019/12/IPG\\_RelatorioMonitoramentoCoberturaFemicidioViolenciaSexual2019.pdf](https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2019/12/IPG_RelatorioMonitoramentoCoberturaFemicidioViolenciaSexual2019.pdf). Acesso em: 19 fev. 2025.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodología del análisis de contenido: teoría y práctica**. Barcelona: Paidós, 1990.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGARDE, Marcela. Por los derechos humanos de las mujeres: la Ley General de Acceso de las Mujeres a una Vida Libre de Violencia. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v. 49, n. 200, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42120009>. Acesso em: 10 out. 2025.

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho. O jornalismo na teoria dos discursos sociais. In: **ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM**, 6., 2006. Anais [...]. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1786-1.pdf>. Acesso em: 7 maio 2025.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A análise pragmática da narrativa jornalística. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2005, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2005.

PAZ, Pedro. Como e porque a imprensa pode melhorar a cobertura de feminicídios no Brasil. **Marco Zero**, 20 dez. 2023. Disponível em: <https://marcozero.org/como-e-porque-a-imprensa-pode-melhorar-a-cobertura-de-feminicidios-no-brasil/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

PRADO, Mauro Machado; NEVES, Ana Paula de Castro; ALBUQUERQUE, Nathália Machado Cardoso Dardeau. Xenofobia e violência de gênero: uma análise de manchetes veiculadas no webjornalismo brasileiro sobre mulheres venezuelanas. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru, v. 9, n. 1, p. 319–334, 2021. DOI: 10.5016/ridh.v9i1.57. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/ridh3/index.php/ridh/article/view/57>. Acesso em: 30 jun. 2025.

RUSSELL, Diana E. H. (org.). **Crimes against women: proceedings of the International Tribunal**. Berkeley: Russell Publications, 1990.